

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Anuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

A OBRIGA

Abandono

O Congresso Nacional, cuja função dias atraz decorreu, segundo os informes de Lisboa para as gazetas do Porto, esteve nas suas sessões literalmente vazio de assistencia. Escassissimo publico concorreu a apreciar os trabalhos que apresentou, uma atmosfera de dezanimo teve, carregada, dezalentante. Numa capital onde dezenas de milhares d'homens vivem a mais intensa, a mais poderosa vida politica e social da nossa terra, contaram-se por menos d'uma centena os representantes do grande publico que acompanharam os seus trabalhos.

O caso teria uma significação lugubre, se uma objeção primaz não houvesse a tirar o carater ruim que porventura haveria a inferir desse abandono total. Assim não a teve, antes pôz mais uma vez em destaque e em primeiro plano, a objeção dita, que salvando-nos, explica porque o Congresso não acordou adezões, nem motivou fundo interesse. Essa objeção que lhe tirou a importancia é, toda a jente o sabe, a crença jeral radicada de que d'ele nada de bom, praticamente adviria para o problema nacional. Foi um tentamen, de certo bem intencionado, revelou capacidades de vida, significou que, em Portugal, não falta, louvado Deus, quem se interesse no bom sentido, pelos destinos da patria; deu-nos a conhecer solidas e vivazes energias, e esse seu aspecto de uma renovação nacional, não deixa de ter bons auspicios, mas structuralmente, necessariamente, nada de positivo, de resolutivo foi, era, na hora atual.

Inofensivo para o quer que fosse, para o paiz que ezije soluções precisas, factos, incontrastavelmente, remedidores, para esse foi, era, é, uma obra inutil, de per si só. Assim o entendendo, não se deu á freima, Lisboa, de lhe sacrificar as suas horas de trabalho e folga cidadinas; diferentemente a capital e o Congresso põem o problema portuguez e d'ahi o não se encontrarem, muito sensatamente. Não ha assim que extranhar.

Assim não ha que affijir. Atravessamos uma crise grave, nova não na nossa ezistencia, mas igual por sua importancia a outras em que a existencia da nação tem corrido perigo de morte, e de que por suas forças e seu esforço se ha a nação desembarçado; e essa crise zoma-se na luta, agora chegada ao acume extremo, entre o rejime e o paiz. Tudo se contem nessa contenda que é, sinteticamente, um impozitivo dilema; tudo, agora, para nós todos, se acha e é o problema politico irrezolvido.

Toda a crise é isso; e ou não vingamos vencel-a, amarrados á monarchia que nos arrasta para o abismo; ou, arrumada a solução de continuidade que não nos deixa avançar, conquistamos, outra vez o nosso logar na vida pelo advento do estado republicano.

Não ha meios termos possiveis numa situação assim clara e irrevogavel, e como, precisamente, o Congresso Nacional foi um meio termo que, mostrando a chaga, se absteve

de reclamar o verdadeiro antidoto, como assim foi, o povo lisbonense que vê justo, que julga certo, deixou-o em paz e ás suas tezes realmente lindas, mas realmente desprezimosas na equação dos valores que hão de solver ou não solver a questão nacional unica, agora:—a da morte com a permanencia do rejime monarchico, ou a da vida com a vinda da republica. Excelente afirmação de vivacidade em oportunaidade não anormal um Congresso com os propozitos do levado a cabo, não podia numa situação que é deveras affitiva e angustiante, desviar o espirito publico do pensamento absorvente e excluzivista que, ao prezente, tudo domina, a tudo sobreleva.

O qual pensamento, outro não é que não seja a preocupação, o ponto de mira de derrubar o rejime, e sobre um solo patrio, então, livre, implantar uma verdadeira republica. Pensamento que estando em todos os animos na voluntarioza e patriotica jente de Lisboa, os honra pela perspicacia e acuidade do são juizo que inculca, pois que assim é, realmente.

Assim é: tudo se fará conquistando-se a Republica, nada se faz e tudo será perdido conservando-se a monarchia. E tudo que isto não seja, tudo quanto isto pretenda subtrair do coliseu onde elas se jogam, será uma pura leria bizantina que o mais que será, por favor, é uma ilusão de sofistas.

Antonio Valente.

O CATHOLICISMO e a REPUBLICA

No congresso republicano e na sua ultima sessão do dia 1 do corrente, Guerra Junqueiro, que fóra indicado para prezidir aos trabalhos da assemblea, discursando, com a elevação que lhe é propria, abordou o controvertido assunto da questão religiosa, e fel-o d'uma maneira clara, dando soluções justas, positivas, que se podem classificar de doutrina oficial do partido republicano, quando governo.

Não foram impugnadas por nenhum congressista—teem pois a sanção da vontade partidaria; e, alem disso, firmando-as em terreno estavel, tornando-as inatacaveis, pelos preceitos da razão e de necessidade que é a sua essencia, deu-lhes o glorioso poeta o carater de principio politico nacional e impozitivo.

Disse Junqueiro: «A sociedade portugueza sob o ponto de vista religioso, está constituida por individuos de crenças religiosas diversas ou sem nenhuma crença; a maneira de rezolver essa questão é dar a completa liberdade de consciencia a todos os cidadãos.

Fala-se do juramento religioso que levanta conflictos. Como o rezolvem? publicando decretos, concedendo liberdade, tolerancias. Pois o que havia a fazer era simplesmente isto: abolir o juramento religioso.

As medidas que preconiza para a questão religiosa são:

Liberdade de consciencia absoluta. Separação da igreja e do estado, sem hostilidade para a igreja e, reconhecendo que a igreja tem uma missão social importante a desempenhar na sociedade portugueza dar-lhe-hia todas as garantias e meios de desempenhar essa missão melhor do que a tem desempenhado,

Quaesquer que sejam as opiniões que ele orador tenha, é sua condição que a igreja catolica tem um papel importante a desempenhar em Portugal. E' anti-catolico, mas, ainda assim, repete: se fosse governo nunca feriria o catholicismo.»

Nunca ferir o catholicismo com perseguições e ataques é, tem de sêr, por força das circunstancias, independentemente, pois, das intenções humanas, regra e procedimento da republica.

Quer os republicanos sejam catholicos frouxamente praticantes, e é o caso da maior parte do povo portuguez e da maior parte do povo republicano, quer sejam livres pensadores ou cristão-panteistas:—na nova ordem de couzas, mesmo que pessoalmente estejam já calçados e vivos no inferno, como governantes não podem têr, não terão, perante o catholicismo outra e diversa attitude.

Por nós, embora não professemos a religião oficial (!...) e ao clero, não devamos senão má-fé e má-vontadinha, confessamol-o, queremos o padre numa republica—e como auxiliar da democracia—e como agente da civilização. Parecerá um paradoxo, e talvez, algum percebando a nossa intenção, nos julgue d'uma desmedida injenuidade, não falando, por o não merecerem, naqueles que vejam nisto um anzol para iscar simpatias e colher fructos politicos. Queremos o padre numa republica, separando a igreja do estado e dando a todos os deuses direitos eguaes podemos contar com o padre, porque não perseguiamos nem impedimos a sua ação religioza; e queremos o padre numa republica porque é para a nossa terra e para a nossa vida que olhamos, quando afirmamos que ele é necessario e hade sêr util.

Estes modos de vêr, individuaes, uns, sancionados pela adezão unanime de todas as forças e de toda a multidão republicana, os outros, são para os homens da republica, quando governo, preceito elementar e indefectivel—seja-se pessoalmente o que for nos dominios da consciencia.

E' isto uma banalidade que toda a jente bem intencionada e toda a inteljencia vulgar conhece, e entre os padres, alguns, libertando-se de mentiras e falsidades patentes, não teem hezitado nobremente em dar o passo para a republica. Poucos;—tiveram a clarividencia e o senso da verdade social, superior a declamações e a abuzos setaristas, dando a sua plena confiança á republica. A nova instituição não os fará arrependere se, pois que na remodelação total da vida portugueza nem eles serão desprezados nem serão tidos em pouca conta.

Tem-se mentido e caluniado muito nesta parte, e já é tempo de que a simples e acessivel verdade se sobreponha aos grosseiros trucos dos pseudo defensores da igreja—que só defendem os seus odios de pessoas e as suas barrigas de parasitas.

A republica não é um ataque á igreja: a republica tem um unico inimigo, que é a monarchia.

Isso foi nitidamente expresso, pe-rempitoriamente affirmado, no Congresso Republicano.

ECHOS DA SEMANA

O Halley

Tem sido uma derivante, aos paladares do indjena perde-tempo, o cometa, vizivel mail-o o seu rabo ás primeiras sombras da noite. Fez mêdo e deu azo a porcarias variadas, e agora serve para, nariz no ar, reconhecerem os tipos que ele ainda assim está alto, o bastante, graças a Deus, para que lá não cheguem as emanações do sumo da uva tão copiozamente libado por toda a roda da terra a pretexto... do cometa. Que foi unicamente para que serviu o aparecimento caudato, alem do acrescimo de rezices; para todas as coisas nada mais sabendo fora do estro da ancestralidade as creaturinhas chamadas racionaes, cujo raciocinio é que se vê.

Distinções

Segundo lêmos, que tudo se pode lêr, ponto é que o escrevam leijvemente, sua majestade o nosso D. Manoel tem tido, em Londres, um prodijiozo successo. Entre machos coroados e damas de coroa é quem mais o disputa. quem mais o cerca, quem mais atráe onde a si o reinzinho portuguezinho. As distinções com que o teem honrado os novos reis da «nossa fiel aliada», sobretudo, taes e tão frizantes teem sido que constituem, na côrte ingleza, o tema de jeraes maravilhamentos e a materia de grandiloquos horoscopos. Deliciam-se jornaes de Lisboa com o importantissimo acontecimento, e nós, associar-nos-hiamos, de alma e vida, se p'ra amor d'essas amizades, deliberasse o nosso monarca estabelecer-se de vêz em Londres, transportando para lá a côrte, os Navegantes, o Quelhas—toda a familia; despedido, por sua livre e muito soberana deczão, desta piolheira que os seus reaes ascendentes tiveram o máo gosto de tornar sua rezidencia. Se assim fosse faziamos festa como as «Novidades» e aplaudiamos como «O Dia».

Mas os fados escrevem por outras linhas... e D. Manoel está aqui está de volta ás berças.

Uma santinha

Foi em Paris, terra da impiedade, não ha duvida, mas por razões da chuva de enxofre celestial, terra devota do «Sacré-Coeur».

Soror Candida, uma freira, superiora d'uma congregação de religiozas, sob a acuzação de madama escroc, prova-se que era, com fina arte, uma finissima ladra. Especialista em trabalhos de joalheria, sabia, a virtuosissima madre, lograr devotissimamente joalheiros, e isso descoberto e trazido a limpo, lá o pagará com a cadeia, que é logar chic de ganhar as glorias do ceu e futuramente se ter direito a uma capelinha nos templos. Porque hade averiguar-se.

Soror Candida roubava como martirio, visto na cidade já não haver quem atire os cristãos ás feras, e sêr a unica porta do sacrificio absoluto a posse criminoza das joias fuljidas, irrizadas, que eram a sua... coroa de espinhos,

Chiquismo

E' no que deu, ao cabo d'anos d'um recato irrepreensivel a nossa camarada «A Discussão», semanario rejenerador que não hade, entre os embaraços de monta, contar como somenos o de topar com o lábaro de Fontes, Moysés que foi da rejeneração. Que o seu atual estado de renascença dure por muitos e muitos anos, que nada ha mais bonito que uma pessoa edoza aceada, e ás jentes do mesmo officio nada pode ficar melhor que o darem-se emboras, não fementidos, de muita vida, muita saude, muita sorte e muito bem estar... ezatamente o que nós desejamos ao colega, materialmente melhoradissimo.

Tribuneca

Por estes termos, e por outros ainda mais rudes, mais tezos, que é o argot pescado por assalariados jornaleiros de jornaes governativos, atiram-se os progressistas ao Tribunal de Contas, um dos venerandos do rejime. Esfrangalham aquelas togas, fazem o frete sobre aqueles juizes, põem de rastos aquela instituição, e com que justiça da vingativa da historia, inconscientemente, o estão fazendo... Quão bem os vêmos servindo os dezignios d'aquelles fados para que apela o Alpoim, todas as vezes que abre o bico canoro, agora, que sobre juizes d'uma das mais altas instituições monarchicas bolsam toda a envenenada baba do odio e toda a chué fraseologia do despeito! Aquele dar á teza num tribunal, dos de polpa, era mesmo uma merecida achega que ficavamos devendo aos nossos admiraveis cooperadores monarchicos, para sobre a terra lavada de imundicies se erguer a nova nação; lá isso era, e vinha em desconto dos pecados que arrastam para o fundo toda a choldra que regateia e patinha em bosta.

O pior, para o criterio julgador, é que os progressistas, se cáem a fundo e como energumenos sobre «a tribuneca indecente», é d'eles o raboleva, relesmente é porque o tribunal se tornou obstaculo do seu appetite de tubarões.

E a campanha, no fim, rezulta, uma vingança de comedores enracados, e d'uma lingua de trapos igual ao trapo vil de que lhes é feito o carater.

E por isso, pois, é nojenta.

Crize politica

Cada boca cada sentença e cada desejo cada versão, a proposito da crise, a cronica crise ministerial que torna impossiveis todos os governos da liberal... monarchia nova. Com progressistas, rezolve-se dando o rei toda a confiança ao Beirão e incluzivé o raio que dissolva as côrtes; com rejeneradores, ficará sanada pondo el-rei no olho da rua os senhores herdeiros dos Passos e chamando, apoz, a governo a filharada do Fontes, padrão Teixeira de Souza. Com dissidentes, isso então é que é papa final! a crise só pode solucionar-se por uma marca democrata da frasqueira Alpoim; com padres Matos nacionalistas, tudo se rezolvia, em bem, indo ao poder os levitas de «O Portugal» e, naturalmente, com estes, a salvação dos corpos e almas no Juizo Final que deve vir perto.

O rei, na sua alta sabedoria e nas grandes luzes do seu espirito, haverá por bem decidir a favor... de quem mais lhe agrade, e visto não poder contentar a todos limitar-se-á a contentar o seu espirito santo de orelha. Elisso feito, a crise, tendo mudado ou não de pessoas continuará inextirpavel, o seu trabalho, até dar com a cranguejola no porto de salvamento republicano.

Torrente que já nada impede, caminha para as nossas bandas com irresistível impulso, aos governos inutilizando-os ao nascer, e ao regime atolando-o de mais em mais, até de todo o enterrar em lodo—tumba á altura d'aquella trampa.

Disfrutes

O pobre do portuguez ganhou fama, a proposito senão despropozito não se conhece do que, de modo que alegrête, ele só é, para a cançoneta. Pois ele arriba o britânico, cercado de aguas e nevoas, ás vezes, é um farcista de se lhe tirar o chapêu e estoira em alegria que nem champagne ao saltar das rochas.

Ora vejamos esta, da Havas, que é d'uma pessoa cair de rizo, e só a um padego inglez era capaz de lembrar—para successo de gargalhada: «Londres 22.—Dizem de Birmingham que ha boas razões para acreditar que se fizeram acordos entre o governo portuguez e firmas inglesas para a construcção de trez couraçados, tipo «Dreadnought», 10 caça torpedeiros de alto mar e 10 submarinos... Depois nós, que encontramos d'estas, nós é que somos—um povo alegre.

Livros

Oferecidos pelos editores recebemos e agradecemos o tomo V da «Historia de Vila e Concelho de Cintra»—Cynthia;—e o 1.º volume de «Contos Infantis», uma publicação baratissima, 30 réis cada volume, que se encontra no Porto, á venda nas livrarias.

ARA

VIZÃO

Eu vi o Amor—mas nos seus olhos baços nada sorria já; só fisco e lento morava agora ali um pensamento de dôr sem tregua e d'intimos cansaços.

Pairava como espectro nos espaços, todo envolto num ninho pardacento... Na attitude convulsa do tormento, torcia e retorcia os magros braços...

E arrancava das azas destroçadas a uma e uma as penas maculadas, soltando a espaços um soluço fundo,

Soluço de odio e raiva impenitentes... e do fantasma as lagrimas ardentes caíam lentamente sobre o mundo.

Antero de Quental.

A Situação Financeira

Como acontece a miúdo, desta vez, os acuzadores não são das hostes anti-monarquicas, e a palavra dura, a palavra violenta da acuzação não a soltam labios de inimigos da monarchia. E' num congresso chamado «nacional» que *homens bons* da sociedade portugueza, implacavelmente, condenam a obra realizada em anos e anos de publica administração nacional; é num ajuntamento onde predominam monarchicos que na monarchia teem governado e *grandes* que pela monarchia teem vivido, é lá, nessa conspicua e ponderada reunião, que as censuras, as queixas, o descontentamento, não podendo conter-se mais tempo vivamente se fazem caminho a través de condescendencias e de silencios cautos. As palavras ali ditas, as confissões ali feitas, concordemente,—dir-se-hia com acinte se na assembleia tal ezstisse—atiram por sobre o estado com as responsabilidades e com as culpas da instabilidade e má

situação que, financeiramente, no no momento actual, Portugal vae atravessando.

Os males que na administração da fazenda publica prejudicam mortalmente a nação foram ali postos a claro, cruamente, e se se não disse, precisa e objectivamente, que ao regime monarchico os devemos, essa ilação se tira, por exclusão de partes, visto que outrem ou outras causas não ha a complicar o problema das responsabilidades e das causas.

Sobre a «Situação Financeira do Paiz» teze apresentada pela Associação Commercial do Porto, foi relator o representante dessa coletividade, o sr. Julio de Araujo.

Segundo o relato dos jornaes, tão fidedigno que Sua Ex.^a o não emendou, disse o representante da Associação Commercial do Porto, que «a situação é má, mas não desesperadora, e que as causas principaes destes males são faltas dos governos, mais politicos que cuidadosos da economia nacional».

O mesmo acentuaram os demais congressistas, o sr. Carneiro de Moura afirmando que «as finanças do estado teem servido para favorecer os felizes», declarando que «não podemos estar em peor situação, gastando-se tudo numa grande pangeda, em satisfazer eziencas de amigos, tirando-se tudo aos elementos produtivos da nacionalidade»; e por egual teor o sr. Emilio da Silva, que atacando o problema assegura ter «o estado exercido uma ação incompetente na administração publica».

Não se acabou aqui, pois que outros congressistas intervieram uns discursando, outros em *apartes*, todos condenando, todos acuzando. Eram monarchicas aquellas falas, vinham de peitos fieis ao *statu-quo* aqueles dezabaços, eles respondem, pois, pela veracidade do que se disse, e pela acuidade que se revela no mal estar financeiro. Nós sabiamol-o, nós sabiamol-o, já antes de os ouvirmos. Sabiamol-o, porque homens de destaque na monarchia o teem, vezes diversas, assegurado; sabiamol-o porque quando eles se calam ou se desculpam, os factos, presentes á nossa attenção e ás nossas conclusões, esses é que se não calam, esses, também, é que os não desculpam.

Portugal—nunca é ocioso lembrar-o—tem sido posto a saque pelas quadrilhas monarchicas, e olhem que o termo é de monarchicos e é d'uma ezatidão absolutamente feliz; Portugal—nunca é demais repetir-o—tem sido bom para reinantes que vivem de adeantamentos e para politiqueros que vivem do favor real e dos recursos do erario. Essas quadrilhas são, nos seus homens e no seu carater, hoje, as de hontem; como amanhã as de antigamente, pois que todo o pessoal monarchico que existe, totalmente, é o dos adeantamentos e do rotativismo *decorista*.

São os factos que nol-o afirmam, os casos Hinton e Credito Predial, recentissimos, são dois ezemplos, nos muitos, de que é rica a historia da monarchia portugueza, e quando porventura por esquecimento, não pezamos os males que nos teem feito, eles proprios, por motivos reles ou por dezabaço, dão-se ao cuidado de nos lembrar o que de detestavel e criminozo taem sido e são no governo. Em dezenas d'anos de administração, e favorecidos por excelentes épocas de paz e trabalho, deviam ter assentado em bases solidas a economia nacional; o paiz nunca lhes faltou, eles é que o não mereceram, e miseraveis vandalos da riqueza publica de todo a comprometeram nas suas delapidações, na sua ineptia, na sua obra concussionaria, ruinoza. Em 1891 deramos de presente uma pavorosa e panica crise, de então para cá, com mil protestos de emenda, tudo quanto teem feito é apressar o momento d'uma nova e subvertedora falencia. Não sendo republicanos e estando ligados por afinidades poderosas a este ou áquele grupo monarchico, mais ou menos a anunciaram os Julio de Araujo, os Carneiro de Mou-

ra e os Emilio da Silva. Remedio, não ha nenhum, todas as vezes que assentemos em travar o descabro servindo-nos dos hombros... dos que o fizeram. Cura do mal ha só uma:—consiste essa em os dispensar, a todos os responsaveis, da tarefa de restaurar financeiramente, como no resto, a patria portugueza. Então sim, virá o remedio, porque, quando assim for, temos a republica.

PRO PATRIA

Uma entrevista do «Siecle» com Magalhães Lima

Publicaram os diarios a tradução d'uma notavel *interview* dada em Paris por Magalhães Lima, e como a consideramos de valor, sacrificando outros originaes, a publicamos tal qual o extracto das folhas de Lisboa e Porto.

Eis o que disse o illustre portuguez e respeitado republicano:

«Estamos em Portugal nas vespers de acontecimentos graves. Uma delegação republicana, constituída do ex ministro Bernardino Machado, de José Relvas, membro do Directorio do Partido Republicano, e de mim, brevemente se dirigirá ás mais importantes cidades da Europa para expor ao estrangeiro, que o não suspeita sequer, o caracter inquietante da situação.

Começaremos naturalmente pela Hespanha onde, como me dizia outr'ora o meu illustre e saudoso amigo Ruiz Zorrilla, a Republica chegará no da seguinte ao da revolução portugueza. Seguidamente iremos a Paris, a Bruxellas, a Londres... E' necessario que por toda a parte se saiba a que regimen abjecto nós estamos sujeitos e porque seguros estamos de que a hora de liberdade se avizinha.

Meditai no que se passa desde ha dois annos, a seguir á queda do dictador Franco.

Por parte do governo nenhuma reparação: as leis mais nefastas do periodo dictatorial, aquellas que os homens hoje no governo atacaram mais violentamente quando foram promulgadas, continuam a sua applicação quotidianamente. O actual presidente do conselho, Beirão, a mim mesmo me declarou que a lei dirigida por Franco contra a imprensa era revoltante; e todavia não se passa uma unica semana sem que algum jornal deixe de ser perseguido em virtude d'esse mesmo texto revoltante.

Continuamente se faz montaria a sociedades secretas, inquire-se, e prendem-se pretendidos conspiradores. Como quereis vós que este regimen de excepção e de terror se torne um systema de governo duravel e sobretudo estavel?

Se anda, ao abrigo d'estes golpes de Estado perpetuos, os partidos monarchicos tivessem sabido reconstituir-se e trabalhar!

Mas nada disso. A monarchia vive n'uma poeira de grupos e de sob-grupos, de individualidades tão avidas de alcançar o poder quanto o são incapazes de exercer.

N'outros tempos cada um d'esses senhores ambicionava ser ministro; hoje todos elles querem ser presidentes do conselho. E' por isso que tivemos cinco ministerios em dois annos apenas.

Disse-vos que todos os partidos estão em manifesta desagregação.

Ao lado dos «progressistas» do Luciano de Castro, ha os «progressistas dissidentes» do Alpoim, que são *quasi republicanos*. Ao lado dos «regeneradores» de Teixeira de Souza ha os «regeneradores dissidentes» de Campos Henriques.

O antigo partido de Franco, constituído por antigos «regeneradores», scindiu-se por sua vez no grupo orthodoxo que tem por chefe Vasconcellos Porto e no dos dissidentes drigido pelo ex-ministro das obras publicas, Malheiro Reimão e pelo governador do Banco de Portugal, Mello e Souza. De resto, se os nomes e os programmas divergem, a obra governamental que cada um

d'estes grupos pode realizar é identica: corrupção e esterilidade, nada mais.

No estrangeiro acredita-se por vezes que o rei, que é uma creança, pode remediar esta miseravel decrepitude da monarchia. Profundo erro! O rei, que não deu ainda nenhuma prova de intelligencia politica, que não tem mesmo aquelle temperamento com que seu pae substituiu a intelligencia, o rei não tem nenhuma especie de auctoridade nem de popularidade. A rainha mãe, ardentemente clerical, é detestada. A rainha Maria Pia, a quem o povo chegou a amar a despeito das suas prodigalidades, está esmagada pela idade e pela dôr, e acaba de soffrer a humilhação de ser arrastada aos tribunales por dividas. A familia real está tão desacreditada como a realza.

Comprehendeis que um similhante regimen, que se gasta e esteriliza todos os dias, possa durar indefinidamente? Ainda mesmo que não houvesse até ao ultimo momento nenhuma desordem nas ruas, não vistas em França, sob o trisavô do nosso actual rei, preparar-se em silencio e explodir repentinamente a *Revolução do desprezo*?

Mas a nossa monarchia não se limita a morrer n'esta decomposição lenta.

Tem as suas crises, como os vossos antepassados conheceram o processo Teste e Cubiéres em 1847, nós acabamos de assistir, golpe sobre golpe, a dois escandalos ruinosos:

Um resultou da questão Hinton. O subdito britânico, que tem este nome, é proprietario na ilha da Madeira de plantações de canna de assucar. A seguir a uma lei votada pelas Camaras portuguezas, declarou-se lesado e reclamou uma indemnisação consideravel, mais de 600 mil libras. A legação ingleza obedecendo, parece, a considerações de amizade pessoal, e não a instrucções do seu governo, sustentou a reclamação. Individualidades portuguezas deram-lhe egualmente apoio.

Por fim, o mais brilhante e mais audacioso dos representantes das doutrinas republicanas, dr. Affonso Costa levantou o debate no Parlamento, lendo documentos que comprometiam d'uma maneira inapagavel até personagens da *entourage* da propria familia real. Não podeis sequer fazer ideia do descredito que estas revelações lançaram sobre o pessoal do paço.

O outro escandalo é de hontem: é o *krack* do Credito Predial, por outras palavras do *Credit Foncier* portuguez.

Não acredito que se saiba exactamente a quanto elle se eleva: O ultimo numero do «Economista» falava d'um deficit annual de oitenta contos desde ha certo tempo, e affirmava que o valor das garantias hypothecarias era inferior em cerca de 70 % ao que deveria ser para garantir normalmente as obrigações emitidas. Como quer que seja, a impressão produzida é enorme, no mundo politico como no mundo financeiro.

Sabeis vós—e este é o ponto que nos interessa—quem está á frente do Credito Predial? O sub-governador é o padre Antonio Candido, procurador geral da corôa; e o governador é... Luciano de Castro, que, da idade de 76 annos, paralytico das duas pernas, governa, como senhor de Portugal, desde o advento do actual rei, sob o nome de todos os ministros que se tem succedido no poder todos os tres ou quatro mezes.

E' isto que explica a demissão do ministro da justiça, e explica também o facto de Luciano de Castro ser forçado a abandonar os varios empregos publicos que exercia, e por sua vez explica como o governo, desamparado, se interroga a si mesmo; se poderá conservar-se até á proxima abertura da camara em 1 de junho.

D'esta vez o desastre da monarchia é completo. Não resta senão um recurso, chamar o chefe dos regeneradores, Teixeira de Souza, dar-lhe um decreto de dissolução e dei-

tar sossobrar os progressistas compromettidos. Mas a opinião publica não se deixará enganar por similhante manobra. Sabe que os regeneradores valem o mesmo que os progressistas e que o unico resultado da mudança será substituir um bando esfamado por um outro satisfeito.

Assim o sentimento de que é preciso mudar de regimen e não sómente de pessoas impõe-se cada vez mais a toda a *élite* do paiz. Não são unicamente as massas, como outr'ora, que formam o grosso das forças republicanas: os intellectuaes estão agora comoosco e ha intellectuaes não só na vida civil, não só na marinha que é republicana ha muito tempo, mas no exercito, e em grande numero.

E' por isso que vos repito com profunda convicção: graves acontecimentos estão proximos, que hão de dar-se—desejo-o do fundo d'alma—sem resistencia, sem effusão de sangue.

Desejo essa Revolução pacifica, invoco-a com todos os meus votos.

Porque eu estou convencido de que só a Republica pôde em Portugal espalhar a instrucção e o progresso, só ella nos dará, dentro d'uma geração, o logar que a nossa admiravel patria já occupou no mundo e que é capaz de conservar sempre».

A contradança... de Vallega

A fórma como nos referimos ao attentado de Vallega não agradeu ás entidades ou pessoas que, como desaggravo ao preclaro regedor e correligionario, conduziram a diligencia, enveredando pelo caminho da illegalidade e da violencia.

Já esperavamos isso.

Foi o órgão official d'essas entidades, o *Jornal d'Ovar*, que traduziu esse desagrado, servindo-se de termo soez para anniquillar os que não pensam como elles, não concordam com os seus processos e censuram, á face da verdade, os seus actos.

Discutir a infallibilidade da sua synagoga é ser fulminado pelo lathego do insulto.

Mau processo esse, mas... adeante.

Sómente ao publico queremos justificar os nossos actos e para isso vem a proposito a irritabilidade do *Jornal d'Ovar*.

A quebra das vidraças tanto da casa do regedor Veiga como da do jogo é um acto vandalico, porque não é uma fórma leal de desafronta ou defesa e, parta elle de quem partir, deve merecer, como merece, a reprovação unanime de todos e é justissima a condemnação do seu verdadeiro auctor ou auctores, quando se descubram.

Tem portanto a nossa reprovação formal.

N'esta parte, pois, estamos de accordo (nem nunca outra coisa se devia supôr) com as *personas de bem* que se revoltam contra o *traiozeiro crime*, mas não o estamos com os que *applaudem o procedimento da auctoridade*.

Esta teria o nosso elogio se fosse justa, equitativa, imparcial; se o que agora fez, até certo ponto, o houvesse feito em casos semelhanes ou mais graves ainda, que teem occorrido.

Assim, muito bem. Mas por agora o offendido ser um maioral do caciquismo da sua grei politica, desenvolver-se uma actividade tal até exorbitar os limites da lei, isso é que nos revolta.

No crime de Cimo de Villa, em virtude do qual dois homens estiveram ás portas da morte, sem já fallarmos no de Grilhoavae, diligencia alguma se fez, não obstante haver-se commettido a curta distancia da habitação do administrador e apontarem-se desde logo os criminosos.

Agora, no de Vallega, porque se prendeu no dia seguinte um homem de quem não ha outra

suspeitas que não sejam as de ser inimigo figadal do regedor desrespeitado?

Ora aqui é que está o ponto vulnerável em que incide o nosso ataque ao facciosismo da auctoridade.

Quando á deturpação da verdade dos factos, não é certo que semelhante cegueira nos embuisse a razão, quando affirmamos:

Que foram quebradas em Vallega pela noite, as janellas do regedor Veiga e as d'um predio do sr. Soares Pinto, cujo facto—ouçam-no bem—reprovamos e desejaríamos se esclarecesse para se liquidarem responsabilidades.

Que o regedor Veiga, para defender a sua propriedade, disparou um revolver e feriu-se na mão com uma capsula.

Que o administrador, com nunca vista diligencia, se dirigiu, de cruz alçada, para o local e que, exorbitando a lei e os seus habitos, invadiu a casa d'um cidadão e prendeu-o só por ser inimigo do regedor.

Que o pretexto da prisão fôra encontrar-se-lhe um pau com escoreiações, que, na sua imaginação, deviam ter sido produzidas pelas pancadas nos vidros quebrados.

Que a diligencia administrativa fôra dirigida pelo presidente da camara e que as perguntas e investigação na administração foram feitas por aquelle senhor, com degradante e ridicula subserviencia de administrador.

Que no club se jogava illicitamente, com acqiescencia do regedor, e que, devido a esse facto se attribuiu em Vallega, o delicto nas duas casas a um protesto, aliás condemnavel, de familiares dos frequentadores do jogo.

Foi a este conjunto de factos, que chamaram deturpação!

Bem sabemos que são verdadeiras duras, e exactamente por serem verdadeiras as expômos altivamente, doam a quem doer, alvejando a direito, em contraposição á fórma adoptada pelos nossos adversarios.

Naturalmente, aos olhos dos amigos do sr. regedor, desvirtuamos a verdade por as nossas iras não desabarem em improperios sobre o criminoso Henriques e nos fazermos echo de que o crime também se attribua a familiares dos jogadores, lesados na sua economia!

Mas n'este caso procedemos conforme a nossa razão, a saber:

1.º—porque as provas justificativas da prisão do sr. Henriques são insufficientissimas para o effeito da criminalidade que se lhe imputa e crêmo-lo victima d'uma prepotencia contra elle exercida pela auctoridade, qual é a de se lhe invadir a habitação e a prisão não ser em flagrante;

2.º—porque o facto de serem quebradas as vidraças do regedor e as outras, não por serem estas do sr. Soares Pinto, porque n'aquella freguezia outros predios tem mais importantes onde se exercesse vingança, quando a vingança fosse attribuida, mas por serem os da casa onde o jogo illicito se exerce, com certeza com ignorancia de seu dono, justifica e até certo ponto baseia as suspeitas attribuidas a desconhecidas mãos prejudicadas com o jogo.

Em conclusão. Confrontando os factos, o sr. administrador procedeu mal, a nosso ver, n'esta diligencia, fazendo a prisão que fez, desde que não procedeu de igual fórma no caso de Cimo de Villa.

Esta é que é a questão. E se alguém o obriga a esse deprimente papel, não é seu amigo, com certeza.

Quando ao *Jornal d'Ovar*, quando quizer discutir e fazer luz, sirva-se d'argumentos. Porque confundir os contendores não basta chamar-lhes *malandros e canalla*.

Isso é argumentação de regateira.

Logares selectos

O padre reaccionario faz parte da grande centralisação catholica, é uma das rodas do grande machinismo, vive no systema de partido, como na obediencia e na regra d'um instituto. Não pensa, nem discute.

O seu rumo está tomado: segue-o apesar de tudo atravez de tudo, como um bri abre um rêgo, com os olhos tapados. Tem heranças de velhas devotas, avultadas esmoladas de missa, frequentes presentes de confessadas. Vende agua de N. Senhora de Lourdes ou de la Salette. Cobra os dinheiros de S. Pedro, e remette os para Roma. Assigna a Nação e, quasi sempre é rico.

Porque enfim, meus senhores, celebrando como catholicos as vossas academias religiosas, das duas uma: ou vós estabeleceis a controversia e discutis os canones e os dogmas, ou não a estabeleceis e não os discutis. No 1.º caso, usurpaes os poderes que só competem aos concilios, entregaes aos debates da razão as materias d'obediencia e de fé e cahis no racionalismo heretico. No 2.º caso, reunidos em nome de Deus, vós não tendes o direito de fazer senão uma coisa: elevar humildemente ao ceo os vossos espiritos e prostrar-vos na penitencia e na oração.

Mas para os exercicios da oração e da penitencia vós tendes a igreja para resar, e a solidão no interior de vossas casas para meditar o arrependimento.

Nada mais funesto para os costumes, do que ensinar ás mulheres que ha instituições especiaes para o serviço de Deus, para a conquista do ceo, para a remissão da culpa. O posto digno da mulher christã é em sua casa ao pé de seus filhos. Os exercicios espirituales e as contemplações mysticas escurecem a alegria domestica, alvoroçam a virtude, perturbam a consciencia. Na sociedade actual a mulher pertence, integralmente, com toda a responsabilidade do seu destino, á missão sublime, de regeneração do homem pela atracção do lar.

Desviar sob qualquer pretexto que seja a atenção da mulher dos interesses da familia, é cometer para com a moral um sacrilegio. A casa conjugal também é um templo, e a maternidade uma religião.

Ramalho Ortigão.

Alma Humana

Um grande poeta da nossa gente, disse, meu bem, que a saudade é «um gosto amargo de infelizes» e «um delicioso punjir de acerbo espinho». O poeta escreveu verdadeiramente, deu-nos uma expressão verbal cabalissima, porque sentiu, porque sofreu, porque viu extranhos sóes, ceos extranjeiros e amores do exilio. Amores do exilio, meu bem, repara: é dezolador. A saudade do poeta pelo ceu natal, pelo ar das nossas rizonhas veigas e pela melancolia das nossas serras, pelo cheiro e pelo marulho do nosso mar, pela claridade dos nossos rios; e «o delicioso punjir de acerbo espinho» pelos seus amores da adolescencia, pela virgem da sua terra natal, adorada suavemente, na ternura e na injenuidade de corações vizinhos que hora a hora se afagam, hora a hora se transfiguram!... Andando por lonjas serras, tendo a vacuidade diurna de a não vêr, quem quer que seja, grande poeta ou grande labroste, amando de raiz, amando verdadeiramente, sente-o, respira-o, vive-o, ao «gosto amargo de infelizes»—a saudade da mulher amada. Não o exprimirá como fez Garret, tornando as falas as filhas da sua alma, mas, não te parece, meu bem,

que mudamente, ou com humilimos termos, terá agazalhado no intimo igual sofrer, igual aciedade? Tê-lo ha; eu, ao menos, assim o creio.

Falar, falar! Se quase sempre a voz nos foi dada para mentirmos, se quase sempre a linguagem é o arrebitado, o falso, o convencional e postico d'um traje á moda, bem confeccionado para um corpo sem formas, sem relevo, sem elegancia. Falar... que seja baixinho, como quem reza, como quem, a si mesmo, se interroga no isolamento; que seja com aquelas falas que tão bem se sentem do delicado Garret; aquelle dizer da saudade que nos traz despretos, que nos faz melancholicos, que nos torna afaveis. Meu bem, eu, quantas vezes! só no prisma da reitativa te encontro, tão admiravelmente enquadra á doce paizagem natural, ao caro e tipico ar da nossa terra que para nós é o mais belo logar do mundo, por sêr o logar onde nos vimos, onde teremos de ver-nos, sempre, ó sempre! Quantas vezes, agora mesmo... Vem descendo, lenta, a tardinha, e tu, doce tricana, passando, dá-a «boa noite», as «boas tardes», o «adeus», com aquelle falar de perolas, tinindo, arjentinamente, num vazo de cristal sonóro. Santo Deus! o que de ti parolam em gabos, então, as amovaveis andorinhas, e o que o sol, guerreiro moribundo, me diz da luz dos teus olhos:—outro sol espiritual que é a luz e calor, outro sol que é a vida onde eu vivo. E' manhã, um vivo e fagueiro sol pinturila ruas e casas, e nos resplendores divinos da luz matutina, cheia de frescura, tu passas, tu vês-me, tu dá-me a corajem, a força, a alegria, para todas essas horas,—para todo esse tempo que é um dia inteiro... Nos meus olhos, na minha memoria das coisas, na evocação intima dos seres, ha pormenores delicados, coisas tuas talvez futeis para ti mesmo, e todavia tan queridas, tan cheias de relevo para mim!

O tempo não dilue, o tempo não apaga; deixar falar os esquecidos, deixar sentenciar os insensíveis.

Fora da terra, entregue a cuidados grosseiros, numa rudeza de vida burguezissima, meu bem, eu daria as estrellas, daria o ceo, por um leve roçar dos teus olhos profundos e misteriozamente cismadores; esses teus olhos que se me encrustam na retina para eu os ter como companheiros e guias meus; para me darem a viver «gosto amargo de infelizes»... que ha na auzencia;—o «delicioso punjir de acerbo espinho» que são as saudades, manjar das almas.

Minusculus.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Cumprimentamos na semana passada n'esta villa, onde veio de visita á missão das Escolas Moveis pelo methodo João de Deus, o sr. Jacintho Simões, distincto professor d'aquella associação, que n'esta villa dirigiu a primeira missão.

—De regresso do Pará, chegou na semana passada com sua esposa e filhos o sr. Francisco Lopes da Silva, nosso conterraneo e activo commerciante n'aquella praça brasileira.

Vem incommodado de saude e por isso lhe desejamos o restabelecimento.

—Partiu segunda feira para Lisboa com seu filho o sr. Manoel da Silva Borges, considerado constructor naval.

Missão Escolar

Foi no sabbado que encerrou os seus trabalhos a missão Escolar das Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus. Somos da caza o que quer dizer que... nada nos embarça em ver as couzas taes como são, e em sermos justos para com os nossos cama-

radas e para conosco. O partido republicano, em Ovar, tendo, desde a sua organização, verificado que a primeira necessidade nacional é a instrucção popular, a isso se dedicou, e quasi exclusivamente a isso limitou a sua esfera de acção.

Foi uma clara vizão da verdade o que distinguio, mas devemos dizer que não a percebeu de conjunto senão que por uma das suas faces. Assim, expressamente para a instrucção popular fundou um centro escolar, onde, com a que se encerrou no sabbado findo, duas boas missões já funcionaram, mas sem ter completado ou, pelo menos, subsidiariamente acrescentado o que fez aditando-lhe as conferencias de instrucção e educação—entre nós de instante urgencia certamente o fará ulteriormente, correspondendo assim, amplamente, ás necessidades de cultura educadora do character e guia da instrucção primaria, e ás responsabilidades que contraiu como agremiação politica, distincta das outras locaes, pelo seu espirito civilizatorio e pelas suas aspirações de progresso.

O que ha feito não é tão pouco que o não apreciemos e não tiremos d'ahi estímulos; pensando nos sacrificios, na tenacidade, no intelligente labor dos que, entre nós, melhor e mais utilmente se lhe hão consagrado, de todo o coração; pensando n'isso, temos que louvar, que admirar, fazendo pela qualidade e somma do esforço o calculo do bem espalhado, da conquista melhoradora realisada.

Obra sustentada com sacrificios ha-de fructificar, para honra d'aquelles todos que lhe dão, uns, a dedicação da sua mentalidade e das suas escasas horas de folga, outros, a solidariedade pecuniaria dos seus recursos de trabalhadores pobres; obra da fé primando em actos de nobilitante desprendimento do egoismo, ha-de ficar—pelos resultados, pelo beneficio, pela orientação nova que significa.

As provas finaes da missão Escolar, foram inteiramente satisfactorias, comprovando, mais uma vez, a superioridade e excellencias do Methodo João de Deus. Por ellas se verificou, também, a intelligencia e saber com que o professor, o nosso bom amigo Araujo Assis, no exercicio das suas funcções se houve. Findas as provas a que foram submettidos os alumnos analfabetos, uns vinte que foram examinados, procedeu-se á distribuição dos premios, brinde da Direcção do Centro, aos alumnos. Constaram de livros, criteriosamente escolhidos de Historia Patria, Narrativas, e deliciosos contos, em volumes lindamente cartonados. A' noite, apoz a sessão do encerramento, nas ruas proximas ao Centro Escolar, os alumnos victoriarão a Associação das Escolas Moveis, o digno professor e seu amigo—de todos elles—o sr. Assis, e o Centro Republicano de Ovar. Espontanea e tendo um bello significado moral, a manifestação honra e penhora todos quantos, Associação das Escolas Moveis, mestre, e nós todos, contribuímos para a existencia da Missão.

A' Associação das Escolas Moveis e ao sr. Assis, por nossa banda, aqui lhes expressamos, o quanto, de consideração justissima os ovaenses lhe consagram e o quanto reconhecem a sua acção beneficiadora.

Fallecimento

Na sua casa da rua da Fonte falleceu no dia 21 a sr.ª Anna Duarte, esposa do sr. Antonio Rodrigues Faneco e sogra dos snrs. José Augusto e Manuel Augusto da Cunha Lima.

Seu funeral, que foi numerosamente concorrido, effctou-se na manhã de segunda feira.

Sobre o feretro foram depostas duas bellas coroas de flores artificiaes, lembrança de seu marido e das filhas e genros.

A' familia enlutada o nosso cartão de pesames.

Enlace

Ao principio da tarde de segunda feira effectou-se na igreja parochial d'esta villa o enlace matrimonial do sr. Affonso José Martins Junior, com a sr.ª D. Maria Luiza Ferreira, de Esmoriz.

O noivo, que é um excellentes rapaz e muito trabalhador, é filho d'um importante commerciante d'esta praça, sr. Affonso José Martins e a noiva filha do sr. Antonio Pinto Ferreira, negociante d'Esmoriz.

Os noivos partirão para Braga a passar a lua de mel.

Que tenham um auspicioso porvir é o que lhe desejamos.

Corpo de Deus

Segundo o costume é hoje, dia de Corpus Christi, exposta no edificio municipal á adoração dos crentes a corpolenta imagem de S. Christovam, orago d'esta freguezia e advogado contra o fastio.

Folgamos que d'esta vez a camara, que é monarchica catholica, dê um logar condigno á imagem do santo e não o atrio do edificio como até agora o tem feito.

Sempre é bom, por decencia e coherencia, não dar ao pobre santo as honras de laçao.

Senhor da Pedra

Com aquella folia que lhe é peculiar se realizou no domingo a conhecida romaria do Senhor da Pedra. Lá accorreram milhares deromeiros, não faltando também uma grande contingencia da mocidade vareira a compartilhar da folgança da alegre multidão.

Pesca

Principiou a semana promettedora para a classe pescatoria. Houve bella sardinha no Furdouro e lanços de 180\$000 réis.

Oxalá se prolongue esta generosidade do mar.

ANNUNCIOS

Agradecimento

A familia da fallecida D. Maria Thereza Camossa agradece muito reconhecida a todas as pessoas que lhe deram pezaes e ás que assistiram ao funeral da mesma senhora.

Egualmente agradece ao Rev.º clero e á «capella dos Bombeiros Voluntarios» a sua assistencia gratuita ao mesmo funeral.

Ovar, 19 de maio de 1910.

Mercearia Valente

PRAÇA—OVAR

Acaba de expôr á venda um sortido das afamadas conservas d'«A Varina», que vende pelos preços da fabrica.

Tambem vende a superior farinha «Nestlé», por preço inferior ao Porto.

Acaba também de receber novas remessas de arame simrples e farpado, rêde de arame, páz de ferro, fogareiros, tintas e um completo sortido de ferragens.

Em mercearia:—de tudo e artigos de primeira qualidade. Tudo a preços baratissimos.

